

# **Biblioteca Escolar no contexto do Projeto Palavras Andantes: a importância da coletividade e de políticas públicas para a consolidação do leitor – um estudo em bibliotecas do sul do Brasil**

*School Library in the context of the Palavras Andantes Project: the importance of collectivity and public policies for the consolidation of the reader – a study in libraries in southern Brazil*

**Leonardo Montes Lopes**

Doutor em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Brasil.  
Professor da Universidade de Rio Verde, Goiás, Brasil.  
E-mail: [leonardomontes09@hotmail.com](mailto:leonardomontes09@hotmail.com)

**Renata Junqueira de Souza**

Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Brasil.  
Professora visitante na Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil.  
E-mail: [recellij@gmail.com](mailto:recellij@gmail.com)  
ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2227-2544>

## **Resumo**

O presente artigo resultado de estágio pós-doutoral tem como objetivo abordar as políticas públicas e as práticas de leitura nas bibliotecas escolares da rede municipal de ensino de Londrina-PR, que foi resultado de uma experiência premiada pelo programa Viva Leitura no início dos anos 2000. Assim, este estudo aborda investimentos em leitura e práticas de promoção e mediação. O método utilizado é de caráter quanti-qualitativo, por meio de estudos bibliográficos, tendo como embasamento teórico autores como: Bakhtin, Kuhlthau, Chartier, Giroto e Souza, dentre outros. Ainda, abordando os aspectos metodológicos, foram feitas análise documentais, entrevistas com professores, coordenadores, diretores e pais de alunos. Os resultados obtidos apontam que as bibliotecas escolares de Londrina apesar de se configurarem por muitos anos como espaço de formação de leitores, proporcionando o acesso à leitura para os alunos das escolas municipais; atualmente, necessita de políticas públicas mais efetivas no sentido de promover o espaço das bibliotecas escolares, o que faz a diferença na vida de estudantes que encontram nesses ambientes um caminho para informação, cultura e prazer. O artigo, também, aponta para as oscilações dos programas de biblioteca escolar, que por conta das alternâncias de gestões municipais, sofreram mudanças impactantes, que resultaram na instabilidade das práticas de leitura e mediação desenvolvidas nesses espaços, necessitando, assim, de um olhar mais atento com vistas ao fortalecimento e consolidação das bibliotecas escolares de Londrina-PR.

**Palavras-chave:** biblioteca escolar; leitura; políticas públicas.

## **Abstract**

This article results from a postdoctoral internship, aims to address public policies and reading practices in school libraries of the municipal school system of Londrina-PR, which was the result of an experience awarded by the Viva Leitura program in the early 2000s. Thus, this study addresses investments in reading and promotion and mediation practices. The method used is qualitative, through bibliographic studies, based on theoretical basis authors such as: Bakhtin, Freire, Kuhlthau, Chartier, Giroto and Souza, Silva, among others. Still addressing the methodological aspects, the analysis of the documentals, interviews with teachers working in the schools surveyed and school principals was made. The results obtained indicate that the school libraries of Londrina despite having configured for many years as a space for the training of readers, providing access to reading for students of municipal schools; currently it needs more effective public policies to promote the space of school libraries, which makes a difference in the lives of students it finds the environments a path to information, culture and pleasure. The article also points to the oscillations of school library programs, which due to the alternations of municipal administrations, has undergone impacting changes, which resulted in the instability of reading and mediation practices developed in these spaces, thus requiring a closer look with a view to strengthening and consolidating the school libraries of Londrina-PR.

**Keywords:** school library; reading; public polity.

## 1. Introdução

O presente artigo<sup>1</sup> é resultado de estágio pós-doutoral realizado nas bibliotecas escolares de Londrina-PR, onde esses espaços já fazem história dentro das unidades escolares do município há mais de 45 anos, o que dá subsídio para analisar a trajetória, os investimentos e o funcionamento desses locais. Assim, este estudo tem como objetivo central, abordar as políticas públicas e as práticas de leitura nas bibliotecas escolares da rede municipal de ensino de Londrina, no contexto do projeto palavras andantes, visto que são espaços importantes para consolidação das práticas literárias; tornando-se pertinente um estudo que objetive contribuir para a consolidação e fortalecimento destes ambientes de leitura e apropriação.

Londrina é um município que ocupa uma área de 1.653,075 Km<sup>2</sup>, na região norte do estado do Paraná, Sul do Brasil, ficando a 379 km de Curitiba, capital do estado, e a 1.083 km de Brasília, capital federal. Atualmente, de acordo com dados do IBGE (c2023), Londrina tem uma população de 575 mil habitantes, sendo que 97% da população residem na zona urbana e 3% na zona rural. A cidade se consolidou como polo regional de bens e serviços e se tornou uma das mais importantes cidades do Sul do Brasil, o que trouxe migrantes de várias regiões do país, atraídos pelo excelente desenvolvimento econômico e agroindustrial do município.

Diante desses dados, nota-se a força e a importância da cidade de Londrina que, de acordo com o IBGE (c2023), tem um PIB per capita a preços correntes, na ordem de R\$ 19.612,48, e uma arrecadação anual, na ordem de R\$ 1.300.168.668,85, segundo dados da Secretaria Municipal da Fazenda. Com relação aos recursos financeiros destinados à educação em Londrina, o valor estimado, oriundo dos cofres municipais para o ano de 2016, foi de 225 milhões de reais, e recursos provenientes do Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB), 100 milhões, somando as duas receitas, mais de 320 milhões de reais foram direcionados para a educação municipal de Londrina, referente ao ano de 2016.

No campo educacional, Londrina possui na rede municipal um total de 83 unidades escolares, que atendem do 1º ao 5º ano do ensino fundamental. Porém, é importante destacar que existem mais 132 unidades de educação infantil (67 creches e 65 pré-escolas) que são conveniadas com o município. Quanto ao número de profissionais que atuam nessas unidades escolares, o município tem em seu quadro de servidores: 148 diretoras e vinte diretoras

---

<sup>1</sup> Aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa por meio do protocolo CAAE número 12419513.8.0000.5402

auxiliares e 3.684 professores, totalizando todos os servidores das diversas áreas, que atuam na educação municipal de Londrina, chega-se ao número aproximado de 4.105 funcionários.

Por meio deste breve relato histórico, é possível ver a importância da cidade de Londrina como polo industrial, comercial e educacional. Assim, torna-se pertinente neste artigo, ter como parâmetro alguns aspectos desenvolvidos nas bibliotecas de Londrina, dado aos inúmeros benefícios que essas bibliotecas em atividade proporcionam aos estudantes e à comunidade em geral. Desta forma, conhecer parte da história destas bibliotecas poderá contribuir para uma melhor compreensão das práticas e das políticas educacionais desenvolvidas nesses espaços.

De acordo com Silva (2006), no ano de 1971, foi criada a primeira biblioteca escolar na rede municipal de Londrina. Essa biblioteca foi instalada na escola Carlos Kraemer. Em 1974, pela Lei/DEC nº 761, mais três bibliotecas escolares foram criadas, e até o final da década de 70 mais duas bibliotecas foram inauguradas, totalizando seis bibliotecas neste período. Ainda, segundo Silva (2006), no início da década de 70, com o intuito de descentralizar o atendimento na Biblioteca Pública Central, foram criadas as Bibliotecas Sucursais<sup>2</sup>, dessa forma, o objetivo era levar bibliotecas para os bairros e as escolas se tornaram espaços ideais para a abertura das mesmas.

Na década de 80, mais 26 bibliotecas escolares foram criadas, já na década de 90, mais nove, chegando a um total oficial de 41 bibliotecas na rede municipal de ensino de Londrina. Mesmo que nesta época (décadas de 70, 80 e 90), as bibliotecas precisassem de melhorias, é válido destacar, que só o fato de se ter mais de quarenta bibliotecas instaladas nas escolas nesse período, já era um grande avanço, que necessitava de pessoas dispostas a aprimorarem as atividades nesses espaços.

---

<sup>2</sup>Segundo Silva (2006), as bibliotecas escolares eram chamadas de Bibliotecas Sucursais.

## 2. Metodologia

O método utilizado no presente estudo foi quanti-qualitativo, onde por meio da investigação dos significados das relações humanas, foi possível privilegiar a compreensão do tema estudado, facilitando a interpretação dos dados obtidos. Assim, foi feita observação em campo pelo período de uma semana, no mês de junho de 2022, para coleta de dados em três escolas da rede municipal de ensino de Londrina onde há biblioteca escolar. Assim, com o objetivo de obter informações sobre a realidade das bibliotecas, foram entrevistadas doze pessoas por meio de questionário semiestruturado, sendo três professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, três coordenadoras pedagógicas, três diretoras das unidades escolares e três pais de alunos. Além das entrevistas, fizemos análise documental, e observamos as práticas de leitura realizadas no espaço das bibliotecas escolares.

A revisão da literatura das áreas de interesse deste estudo foi realizada por meio de pesquisa bibliográfica e documental, visando aprofundar os conhecimentos sobre as políticas públicas de investimento em bibliotecas escolares e a parceria entre poder público, espaços de leitura e formação de leitores. Sendo assim, as bases teóricas que foram pesquisadas fornecem subsídios e possibilidades para a construção de um novo modelo abrangendo as questões de políticas públicas, investimentos e continuidades de projetos nos espaços das bibliotecas escolares, independente das oscilações políticas e de gestão.

A pesquisa como mencionada acima é classificada como qualitativa e quantitativa, ou seja, trabalha a importância de se manter nos espaços escolares as práticas e representações de leitura, recriação de sentidos e estímulo a leitura a partir do espaço da biblioteca escolar, e as políticas públicas de investimento e manutenção permanente desses ambientes por parte do poder público em Londrina. Para tanto, necessita da análise qualitativa aliada à quantitativa, o que na visão de muitos autores não podem ser separadas, pois segundo Kant (1980 apud MINAYO, 2007, p. 43): “a quantidade é em si mesma, uma qualidade do objeto, assim como a qualidade é um dos elementos da quantidade”. Esta atividade, conforme Minayo (2007), torna-se um desafio na prática científica contemporânea.

Ainda, diante do contexto metodológico, foi realizada uma análise de dados secundários por meio de textos de reportagens de jornais relacionados às repercussões sobre a possível ausência de investimentos nas bibliotecas escolares da rede municipal de Londrina, além dos registros dos fatos presenciados no trabalho de campo mediante anotações, reações e

comportamento dos entrevistados. Assim, por meio de entrevista semiestruturada (gravação de áudio), fizemos a transcrição na íntegra, e após análise qualitativa das respostas dos entrevistados, as falas foram inseridas no presente trabalho, ou seja, por meio da pertinência, relevância e imparcialidade das informações contidas nas entrevistas, selecionamos os trechos transcritos para serem inseridos na pesquisa. Quanto aos registros dos dados coletados, os mesmos foram feitos por meio de anotações e imagens.

No processo de escolha das bibliotecas pesquisadas em Londrina, a realidade geográfica e social foi relevante, afinal, essa realidade está ligada ao acesso à leitura e à formação do leitor, pois em várias comunidades carentes, a única forma de acesso ao livro é por meio da biblioteca escolar; e se a biblioteca não viabilizar livros de qualidade e uma mediação eficaz, as crianças ficarão prejudicadas e distantes das práticas e representações de leitura. Esse contexto nos reporta a Silva (1997, p. 90–91), quando afirma que: “O acesso aos bens culturais, proporcionado por uma educação democrática, pode muitas vezes significar o acesso aos veículos onde esses bens se encontram registrados – entre eles, o livro”.

Diante dessa premissa, é importante destacar que os critérios estabelecidos para a escolha das bibliotecas também levaram em consideração os aspectos metodológicos. Afinal, foram elaborados questionários semiestruturados que, de acordo com Marconi e Lakatos (2009), associam a análise estatística à investigação dos significados das relações humanas, privilegiando a melhor compreensão do tema e facilitando, assim, a interpretação dos dados obtidos.

Assim, por uma questão de privacidade não identificaremos o nome das escolas observadas. A primeira fica localizada na região central da cidade, com 364 alunos matriculados; a segunda escola numa região próxima ao centro de Londrina, com 280 alunos, e a terceira numa região periférica da cidade, com 370 crianças matriculadas. Após confirmação das datas de visita nas unidades escolares, nos programamos para a aplicação dos instrumentos, observação dos espaços e acompanhamento das práticas desenvolvidas nas bibliotecas escolares.

### **3. Projeto palavras andantes: um marco na história das bibliotecas escolares de Londrina**

Neste processo de resgate histórico das bibliotecas escolares de Londrina, é importante destacar o Projeto Palavras Andantes, implantado na rede municipal, no início dos anos 2000, pelo Prof. Dr. Rovilson Silva<sup>3</sup>. Naquela época, ele era docente da rede municipal de ensino e vivenciava toda realidade das bibliotecas da rede municipal, dessa forma, embasado em sua experiência de leitura literária no ensino fundamental, constatou as dificuldades para a mediação de leitura literária nas bibliotecas da rede, além da necessidade de investimentos na compra de acervo, mobiliários e na infraestrutura desses espaços.

Diante dessa realidade, o Prof. Rovilson Silva estruturou no ano de 2002, o projeto de leitura intitulado “Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes”, que apresentava como proposta central: a formação do mediador de leitura que atuava nas bibliotecas escolares. Segundo Silva (2006, p. 18), esse projeto circunscreveu-se a quatro pilares: “formação do professor que medeia à leitura literária na escola; realização semanal da Hora do Conto; ampliação do acervo/readequação pedagógica e arquitetônica da biblioteca escolar”.

O projeto foi tomando forma e se tornou pesquisa de doutorado do Prof. Rovilson, que por meio da pesquisa-ação coletou dados a respeito da mediação de leitura, nas bibliotecas escolares de Londrina e Barcelona (Espanha), estabelecendo uma correlação do processo de mediação entre as duas cidades.

É possível afirmar que a implantação do “Palavras Andantes” foi um marco na história das bibliotecas escolares de Londrina, isso porque por meio desse projeto, inúmeros professores foram qualificados para atuar nas bibliotecas e todas as escolas da rede foram contempladas com uma biblioteca escolar, além da renovação do mobiliário e do acervo dos espaços. A prova da eficácia do projeto foi que, em 2008, o Palavras Andantes foi o vencedor do prêmio Viva Leitura, premiação reconhecida e respeitada em nível nacional. Isso confirmou a excelência do trabalho desenvolvido e a importância de fundamentar a prática do professor mediador com novas propostas para a formação de leitores.

---

<sup>3</sup>Estruturou e coordenou o Projeto Palavras Andantes de 2002 a 2009, nas escolas rede municipal de Londrina. Em 2008, recebeu o prêmio Viva Leitura com o Palavras Andantes. Atualmente, é Professor Adjunto do Departamento de Educação - UEL

#### 4. Projeto palavras andantes: o início de um fim?

A realidade das bibliotecas escolares brasileiras é caracterizada, de maneira geral, por ínfimos espaços físicos, situados geralmente em locais inadequados, com um mínimo de infraestrutura e recursos humanos sem qualificação específica o que, segundo Silva (1997) interfere diretamente na formação de leitores e no incentivo à prática da leitura.

Nota-se que em muitos casos, a biblioteca é reconhecida pela comunidade escolar como um espaço importante. Até mesmo as autoridades de todas as esferas reconhecem que a biblioteca escolar é um ambiente primordial para o acesso à leitura e à informação, porém, o que se percebe é que embora a importância da biblioteca se apresente com clareza, ainda se encontra com uma ideia muito vaga por parte das autoridades.

Silva (1995) afirma que muitas vezes o verdadeiro propósito das bibliotecas dentro das escolas não é realizado devido à falta de infraestrutura, espaços pequenos, sem ventilação, com goteiras; e que, nos últimos anos, através de manobras ideológicas do poder dominante, as bibliotecas escolares foram colocadas em segundo plano, ou seja, na condição de “receptáculos passivos” do sistema. Esta afirmativa nos remete ao entendimento de que muitas bibliotecas ainda continuam legadas à condição de “depósito”, como afirma Martins (2002).

Segundo Bakhtin (1999), não há dúvida de que a biblioteca escolar quando instalada num espaço estruturado, que proporcione conforto e condições ideais de leitura, torna-se em um dos espaços sistematizados em que o leitor se apropria dos mais variados discursos através da leitura. Nesse sentido, Campello (2012, p. 7-8) ressalta que:

Boas bibliotecas propiciam uma aprendizagem peculiar [...]. É uma aprendizagem em que o estudante constrói seu conhecimento, explorando um vasto repertório de experiências já vividas e registradas por outros, extraindo delas significados e agregando suas próprias experiências.

Desta forma, é possível perceber o significado da biblioteca escolar e os benefícios, que esse espaço quando bem estruturado, podem trazer à comunidade. Assim, segundo Silva (1995) para que as bibliotecas tenham condições de cumprir seu papel de disseminadora da leitura, é válido que o poder público, em todas as esferas, faça investimentos e dê sustentabilidade para que elas possam exercer de forma significativa, diferenciada e com qualidade seu exercício cultural.

A ausência de investimentos nas bibliotecas escolares também reflete em Londrina. Atualmente, a rede municipal tem presenciado alterações impactantes no formato do projeto

Palavras Andantes, para se ter um embasamento consistente desta possível realidade, nos deslocamos até a cidade de Londrina-PR, para analisar de perto a realidade e as possíveis transformações no desenvolvimento do projeto Palavras Andantes, que fomentava de forma incisiva as bibliotecas escolares de Londrina, porém, antes de compartilharmos os detalhes da visita às bibliotecas de Londrina, faz-se importante fazermos um breve resgate histórico desses espaços.

Até o final da década de 90, não havia planejamento estratégico com vistas à melhoria estrutural das bibliotecas de Londrina, algumas escolas sequer tinham esse espaço e muitas bibliotecas precisavam de reforma e ampliação. A partir do ano de 2002, com o surgimento do projeto “Biblioteca Escolar: Palavras Andantes”, deu-se início a um trabalho que contemplava além das questões de mediação, os aspectos estruturais e arquitetônicos das bibliotecas escolares. Assim, por meio de parcerias e investimentos do poder público, todas as escolas de 1º ao 5º ano foram contempladas com o espaço da biblioteca escolar.

De acordo com Silva (2006), para que houvesse uma intervenção, no sentido de reestruturar o espaço das bibliotecas escolares em Londrina, foi necessário estipular parâmetros que estabelecessem um padrão para as bibliotecas. Após a elaboração de uma proposta de espaço, o projeto foi submetido ao setor responsável pela projeção e criação de ambientes nas escolas da prefeitura municipal de Londrina. A proposta elaborada contemplava que o espaço da biblioteca deveria ser bastante flexível e oferecer a possibilidade de se transitar com conforto e segurança, além de ter cores agradáveis, ambiente arejado e com boa circulação de ar. Tal descrição nos remete a Caldeira (2008, p. 47-48), para ele, “o espaço reflete de maneira muito clara o papel que é destinado à biblioteca pela instituição que a mantém [...] visando proporcionar aos alunos oportunidades de leitura intensa e autônoma [...] a biblioteca deve ser um espaço amplo, e com instalações confortáveis”.

Assim posto, de forma gradativa a partir do ano de 2002, as bibliotecas escolares foram sendo reformadas e ampliadas, recebendo um novo formato arquitetônico e estrutural, que antes do “Palavras Andantes” não havia, ou seja, existia o espaço da biblioteca em grande parte das escolas, porém sem um projeto arquitetônico que contemplasse o melhor aproveitamento dos ambientes e que proporcionasse organização, conforto e qualidade.

Outro ponto importante a ser destacado, é que segundo Silva (2006), antes do ano de 2002, praticamente, todos os projetos e atividades de leitura realizadas nas bibliotecas escolares tinham como premissa a solicitação de trabalhos após as atividades da Hora do Conto ou de



qualquer atividade de leitura realizada. Com a implantação do “Palavras Andantes”, a partir do ano de 2003, a orientação era contrapor a ideia de solicitar trabalhos após as contações. Uma vez que o que se configurava nas bibliotecas da rede municipal era a ideia de que ler um livro ou ouvir uma história não bastava, era necessário a cobrança por meio de uma atividade, assim, o texto era usado como pretexto, algo muito discutido por Lajolo (1986).

Com o passar do tempo e a consolidação do “Palavras Andantes”, aos poucos e após vários cursos e seminários, os professores começaram a desenvolver projetos e atividades de leitura que confrontavam a ideia da cobrança e avaliação e passaram a ter uma concepção de leitura que privilegiasse o dialogismo, a apropriação de discursos e a valorização do conhecimento de mundo trazido pelos alunos, o que vai ao encontro de Silva e Balsan (2013), quando alerta para importância de uma prática de leitura sem cobranças e punições.

Porém, quase dez anos após a pesquisa de doutorado, onde o cenário das bibliotecas de Londrina era o relatado acima, atualmente é possível afirmar por meio de matérias jornalísticas e entrevistas, que houve mudanças na realidade desses espaços em Londrina. De acordo com o jornal A Folha de Londrina de 24 de novembro de 2021, há possibilidades reais das bibliotecas se transformarem em sala de aula, para suprir a demanda de espaço, devido ao grande número de alunos matriculados na rede, ainda de acordo com a matéria, o projeto Palavras Andantes instituído há mais de 19 anos, não terá mais um mediador exclusivo nesses espaços, ou seja, há a possibilidade real da fragilização do projeto Palavras Andantes e sobretudo a instabilidade do espaço da biblioteca escolar, o que pode resultar no comprometimento da formação de leitores por meio desses espaços de cultura e apropriação. Esse possível cenário de instabilidade, nos reporta a Silva (1998, p. 32-33), quando explicita que:

Numa sociedade de classes como a nossa, a classe que está no poder (e que é senhora das relações econômicas de produção) procura através de diferentes meios e procedimentos, cegar as pessoas de modo a reproduzir o regime de privilégios ao longo da história. Por outro lado, essa classe (dominante, opressora ou exploradora) procura estabelecer normas de comportamento para toda a sociedade, enquadrando os homens na sua visão de mundo. Podemos perceber, então, que as proibições, punições e interdições sociais aspectos do fenômeno “censura” – são mecanismos arbitrários, acionados mais ou menos frequentemente pelo Estado e seus aparelhos com intuito de reproduzir as estruturas sociais ao longo do tempo.

Esse cenário eminente nas bibliotecas escolares de Londrina fortalece o poder dominante, dificulta a fruição da leitura e barra o acesso dos menos favorecidos ao conhecimento e à apropriação de discursos que, em muitos momentos, são interditados pelo poder dominante. Tal interdição é muito discutida por Foucault (2006, p. 10), quando afirma

que: “Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder.”

De acordo com o portal Lume (rede de jornalistas), em matéria publicada no dia 03 de dezembro de 2021, os professores da rede municipal de Londrina temem o fim do projeto Palavras Andantes, na mesma matéria, a Secretaria Municipal de Educação de Londrina afirma que a contação de histórias e mediação de leitura acontecerá de maneira virtual, onde o professor regente da turma acessará a plataforma e trabalhará em sala de aula o projeto Palavras Andantes virtual, mediado pela professora da turma, e na outra semana, a contação será realizada e mediada pelo professor responsável pelo projeto na unidade. Assim, a tendência é que não haverá mais um horário estipulado para visitas e contações de histórias no espaço das bibliotecas, havendo, segundo a matéria do jornal Lume, impactos significativos no modelo original do projeto.

Diante desse cenário, o primeiro passo dentro desta pesquisa de pós-doutorado, foi revisitar as três bibliotecas escolares que havíamos pesquisado no ano de 2014, no advento da pesquisa do doutorado, onde fizemos um estudo de parâmetro entre as bibliotecas escolares de Londrina-PR e Rio Verde - GO, em que ficou evidenciado o quanto o projeto Palavras Andantes era robusto e se consolidava como um importante programa de mediação e promoção da leitura. Quase dez anos depois, nos encontramos revisitando esses espaços em Londrina, com objetivo de verificar se as bibliotecas escolares, por meio do projeto Palavras Andantes, ainda se mantinham presentes nas bibliotecas da rede, cumprindo seu papel de promoção da leitura.

Desta forma, numa semana fria do mês de Junho de 2022, após todos os trâmites de autorização por parte da Secretaria Municipal de Educação de Londrina e do Comitê de Ética e Pesquisa, encontrávamos ali para revisitar esses espaços de leitura, sendo três bibliotecas escolares (como já destacado na metodologia), uma na região central da cidade, outra em um bairro próximo ao centro, e uma na região periférica de Londrina. Para nossa surpresa, o projeto Palavras Andantes e as bibliotecas escolares, como observado nas matérias jornalísticas ora citados acima, estavam em processo de mudanças substanciais, devido a medidas tomadas pelo poder público. Desta forma, além da visita in loco, achamos pertinente ouvir diretores, professores, coordenadores e pais de alunos, no sentido de compreender e ter informações sobre a real condição das bibliotecas escolares pesquisadas. Em entrevista com uma diretora da rede municipal de ensino, cujo nome não vamos identificar por uma questão de confidencialidade, ela nos relatou:

Houve uma mudança significativa, não há mais a contação de histórias no espaço da biblioteca escolar e os empréstimos de livros estão suspensos. Além disso, não há mais a figura do professor mediador trabalhando no espaço das bibliotecas. (Entrevista – 2022).

Diante desta fala, fizemos um novo questionamento à diretora: O projeto Palavras Andantes ainda está inserido nos programas das bibliotecas escolares? e as bibliotecas foram fechadas? A resposta foi a seguinte:

O projeto palavras andantes não está mais inserido, houve mudanças, ele praticamente não existe, temos saudades e por determinação da Secretaria Municipal de Educação, alegando a necessidade de salas de aula devido à demanda de alunos novatos na rede, parte das bibliotecas escolares foram fechadas. (Entrevista – 2022).

Esse cenário nos faz afirmar que a biblioteca, quando valorizada pelo poder público, passa a ser um espaço vivo e dinâmico, assim, terá também a atenção dos alunos e da comunidade. Por isso, é enriquecedor que aqueles que detêm o poder vejam a biblioteca como um espaço de congregação da leitura e da cultura, vendo como o local que recebe o leitor, que lhe oferece novidades, o local de presença constante de educadores, de alunos, de funcionários e de famílias, ou seja, toda comunidade escolar. Isto é, um lugar de troca e de apropriação, um local de conhecimento. Assim, o fechamento de bibliotecas e a interrupção do Palavras Andantes, nos remetem à Andrade (2008, p. 13) quando atesta que:

Pesquisa realizada pela Universidade de Denver, nos Estados Unidos, mostrou que estudantes de escolas que mantêm bons programas de biblioteca aprendem mais e obtêm melhores resultados em testes padronizados do que alunos de escolas com bibliotecas deficientes.

Ou seja, os grandes prejudicados com medidas como essas de fechamento e encerramento de projetos outrora consolidados, são os alunos e a comunidade em geral. Porém, nesse percurso de revisitar esses espaços de leitura pesquisados de 2011 a 2014, nos deslocamos para outra escola, onde tivemos a oportunidade de conversar com uma professora, que por uma questão de privacidade não identificaremos seu nome. Ao chegar na escola, o espaço que em 2014 era uma biblioteca muito bem estruturada, agora se configurava como um espaço menor, e com um acervo mais reduzido, então questionamos a professora: O acervo da biblioteca foi renovado? Se não, por qual motivo?

Não, o acervo não é renovado há mais de cinco anos, e devido a problemas de infraestrutura perdemos vários livros dentro das nossas unidades escolares. A renovação do acervo não está sendo feita, porque a Secretaria Municipal de Educação não está investindo nessas aquisições, alegando que estávamos em uma pandemia e que o projeto das bibliotecas escolares está em novo formato. (Entrevista – 2022).

Essa realidade nos reporta a Freire (1998, p. 35) que pontua:

A forma como atua uma biblioteca, a constituição do seu acervo, as atividades que podem ser desenvolvidas no seu interior [...] tem que ver com técnicas, métodos, previsões orçamentárias, pessoal auxiliar, mas, sobretudo, tudo isso tem que ver com uma certa política cultural.

Diante da fala da professora afirmando que o poder público não está investindo nas bibliotecas escolares, sobretudo no acervo, alegando os problemas acarretados pela pandemia (Covid 19), tentamos contato com a Secretaria Municipal de Educação de Londrina para termos um posicionamento, porém não obtivemos êxito, ou seja, ninguém se posicionou oficialmente para explicar tal situação. Diante dessa realidade, o que podemos observar é que de fato a pandemia trouxe o esvaziamento desses espaços, isso devido à ausência das aulas presenciais, porém, ficam alguns questionamentos: Será que nesse período de esvaziamento não seria uma oportunidade para reforma e ampliação desses espaços de leitura? Não seria um momento para repensar em novas metodologias para as bibliotecas? Um período para a aquisição de acervo? Esse contexto e realidade nos remetem a Chartier (1998, p. 118) quando descreve a biblioteca ideal. Para ele, “Quando sonha uma biblioteca ideal, o seu desejo é ver reunido o máximo de conhecimentos em um espaço delimitado”. No entanto, diante do que Freire (1998) descreve a respeito da constituição do acervo das bibliotecas, fica evidenciado, que para se alcançar a tão sonhada biblioteca ideal de Chartier, é fundamental a existência de uma política cultural para que se veja a importância de investimentos maciços no acervo das bibliotecas escolares, pois, esse espaço, quando bem estruturado, possui dinamismo e flexibilidade para o acompanhamento das atividades pedagógicas realizadas nas escolas. Assim, o desenvolvimento do acervo deve, também, se adaptar às mudanças ocorridas no ambiente escolar, daí mais um motivo para se ter uma política cultural no sentido de se investir em livros para as bibliotecas escolares.

Ainda nesse processo de visitas, nos deslocamos para mais uma escola da região periférica de Londrina, onde conversamos com outra diretora escolar e perguntamos a ela se houve mudanças no nome desses espaços, ou se continuavam sendo chamados de biblioteca escolar; ela então respondeu:

Esse espaço agora é chamado de sala de leitura ou cantinho da leitura, mas não chamamos mais de biblioteca escolar. Lembrando que na maioria das escolas esse espaço sequer existe. (Entrevista – 2022).

Quanto à existência de mediadores/bibliotecários para atuarem nesses espaços e quais atividades ainda eram desenvolvidas, a resposta da diretora foi a seguinte:

Não há mais a figura do mediador/bibliotecário nas unidades escolares e sobretudo nas bibliotecas e poucas atividades são desenvolvidas, até porque em muitas escolas não há mais esse espaço, mas as que ainda têm, há empréstimos de livros ou algumas ações de práticas de leitura bem isoladas. (Entrevista-2022).

A esse respeito, Solé (2007, p. 18) ressalta que:

O aprendiz leitor, e poderíamos chamá-lo apenas de aprendiz, precisa de informação, do apoio, do incentivo e dos desafios proporcionados pelo professor [...] Desta forma, o leitor incipiente pode ir dominando progressivamente aspectos da tarefa de leitura que, em princípio, são inacessíveis para ele.

Por meio da citação acima, fica reforçada a importância do mediador/bibliotecário no sentido de apoiar e direcionar o aluno no processo de apropriação da leitura, daí a necessidade desse profissional não estar na biblioteca por mera casualidade, mas, sim, por causa de suas habilidades e convicções, ou seja, a ausência desse profissional representa de forma notória, o enfraquecimento das bibliotecas escolares em estudo.

Ainda em conversa com a mesma diretora, lhe perguntei se a comunidade escolar, professores, pais e alunos se mobilizaram em defesa da manutenção do Projeto Palavras Andantes e das bibliotecas escolares, a resposta da diretora foi a seguinte:

Não se mobilizaram por medo e temor, mas toda comunidade escolar sente muita falta do formato anterior, e da forma que os projetos eram desenvolvidos dentro das bibliotecas escolares, sobretudo o “Palavras Andantes”. (Entrevista – 2022).

A resposta da diretora nos instigou a entrevistar alguns pais para termos um posicionamento da comunidade escolar diante desse cenário. Em entrevista com a mãe de uma aluna do 5º ano do ensino fundamental, ela nos relatou:

Sentimos muita falta do projeto “Palavras Andantes” e do funcionamento regular da biblioteca aqui da escola, os projetos trabalhados aqui eram excelentes, minha filha amava frequentar a biblioteca e levava toda semana livros para casa. (Entrevista – 2022).

Outra mãe, ao questionarmos o motivo de não se mobilizarem junto às autoridades, em favor da continuidade dos projetos desenvolvidos nas bibliotecas escolares, nos disse:

Sinceramente, acredito que não adianta muita coisa, nossa escola fica numa região carente da cidade, eu acho que as autoridades não se importam com a gente, não importam em proporcionar cultura para nossos filhos, daí os pais aqui da escola se sentem desanimados em correr atrás dessas questões. (Entrevista – 2022).

Toda essa realidade de temor na falta de investimentos e continuidade de projetos na biblioteca escolar, nos reporta a Silva (1997, p. 63), quando destaca que:

Se o “ler” for tomado como um ato de libertação, como uma atividade provocadora de consciência dos fatos sociais por parte do povo, então é interessante ao poder dominante que as condições de produção da leitura sejam empobrecidas ao máximo, ou seja, que o acesso ao livro e a um certo tipo de literatura (crítica-transformadora) seja dificultado ou bloqueado. Assim, manter ou fazer aumentar a taxa de analfabetismo no país, censurar obras literárias contestadoras [...] sorrir diante do fechamento das livrarias nacionais, forçar o rebaixamento da qualidade da leitura nas escolas, postergar eternamente a implantação de bibliotecas escolares [...] etc, etc, etc, são marcas de uma política que certamente não privilegia a popularização do livro e da leitura em nossa sociedade.

A citação apresenta com clareza os motivos que fazem com que o poder público não invista e não apresente interesses concretos em direcionar recursos para a ampliação e consolidação das bibliotecas escolares, prova disso é a interrupção do projeto Palavras Andantes e o fechamento de parte das bibliotecas escolares, onde infelizmente o poder público demonstra distanciamento e omissão para a constituição de leitores críticos dentro das unidades escolares.

Todo esse cenário explicita a fragilidade dos projetos de leitura e das bibliotecas escolares no Brasil, onde, infelizmente, a cada mudança de gestão, pairam a instabilidade e a possibilidade de mudanças ou até mesmo encerramento de projetos importantes na constituição de leitores e essa fragilidade nos remete a Feba e Vinhal (2013, p. 182), quando alertam que: “Os projetos governamentais devem aproximar livros e leitores para que se produzam situações propícias de leitura, assim como fomentar programas de dinamização de bibliotecas”.

Porém, no Brasil, o discurso político desde sempre defendeu e ressaltou a importância das bibliotecas escolares, mas na prática ainda são tímidos os investimentos para apoiar efetivamente esse ambiente. Assim, diante desse cenário de instabilidade e falta de continuidade dos projetos, procuramos uma resposta por parte do poder público municipal de Londrina, mas não obtivemos êxito, ou seja, por uma questão de agenda não conseguimos um posicionamento por parte de algum responsável da Secretaria Municipal de Educação. Desta forma, o presente artigo aponta para a importância de se buscar aproximação e diálogo entre biblioteca escolar e poder público, objetivando o fortalecimento das bibliotecas, e apresentando às autoridades a relevância e os benefícios de se investir nesses espaços.

## 5. Bibliotecas escolares de Londrina: o dia a dia e suas práticas de leitura

Segundo Camacho, Ecard e Jesus (1999), a leitura tem sido centro de discussão ao longo dos últimos anos, tanto na área da educação quanto na área da cultura. Porém, o que se percebe é que os avanços no ensino, na construção do leitor e na formação do gosto estão distantes do ideal. Um grande caminho já foi percorrido, porém, ao discutir mais a fundo os projetos e as práticas de incentivo à leitura, nota-se que é preciso ir além.

Considerando a aquisição da prática da leitura como processo contínuo de produção de sentido e como aspecto fundamental para a promoção cultural do cidadão, é necessária a utilização de uma metodologia que privilegie a participação da biblioteca escolar como agente ativo no processo de mediação e formação de leitores, mediante estratégias e práticas de leituras voltadas efetivamente para a constituição do leitor crítico e reflexivo. Obata (1999) salienta que é necessário mais do que a promoção da leitura, que seja feita sua apropriação, levando a biblioteca a assumir-se como biblioteca interativa, espaço não apenas de difusão, promoção ou disseminação da informação e da cultura, mas também um espaço onde o leitor possa ter voz, posicionamentos e interpretações por meio de projetos e práticas de incentivo à leitura.

Diante do exposto, destacaremos as principais atividades desenvolvidas nas bibliotecas escolares de Londrina, no período das visitas em campo, visando um maior adensamento das discussões dos resultados no campo empírico. Assim, para abrir essas discussões, Silva e Balsan (2013, p. 84–85) afirmam que:

Cabe à escola contribuir para a formação de um leitor que não se caracterize como um ser obediente e apático, que preencha fichas, faça resumos de livros ou reproduza trechos de materiais escritos, mas, sim, daquele leitor que é provocado e estimulado pelos textos que lê, que engendra e constitui sentidos, que dialoga com o escrito, com seu contexto, fazendo brotar e utilizando sua biblioteca vivida.

Alicerçados nessas concepções, pudemos acompanhar algumas práticas realizadas nas três bibliotecas escolares pesquisadas em Londrina; em meio a essas visitas, constatamos como as atividades aconteciam, e quais as principais estratégias utilizadas nesses espaços.

A primeira biblioteca visitada fica em uma escola localizada na região periférica de Londrina, ou seja, numa região em vulnerabilidade social, onde as famílias dependem muito das ações realizadas pela escola. Ao entrarmos na unidade, vimos a movimentação das crianças do 2º ano do ensino fundamental, se deslocando para o espaço da biblioteca escolar, logo, acompanhamos a turma juntamente com a professora da sala. A atividade do dia era A Hora do Conto, após toda a organização e direcionamento dos alunos no espaço da biblioteca, a

professora deu início à atividade; então, passamos a observar todo contexto. A atividade teve a duração de 15 minutos, e notamos certo envolvimento dos alunos que ficavam interessados com o desenrolar da história. Porém, notamos que como não há mais a figura do professor mediador/bibliotecário nas unidades de ensino, o professor regente da sala de aula, que estava acompanhando as crianças, teve certa dificuldade em conduzir a atividade, tais como: preparação e organização do espaço da biblioteca, organização da turma, e, o principal, a atividade não privilegiou a coletividade e nem as estratégias de leitura, ou seja, houve pouca participação das crianças. Essa falta de envolvimento nas atividades e a ausência de estratégias de leitura nos remetem a Solé (2007), quando ressalta a necessidade do preparo das atividades de leitura, e alerta para a importância do uso de estratégias que contribuem para ativar os conhecimentos prévios do leitor. Quanto a ausência do mediador/bibliotecário para auxiliar nas atividades desenvolvidas na biblioteca, a professora nos relatou:

É muito complicado desenvolver as atividades na biblioteca sozinha, temos que organizar o espaço, o acervo, as mesas, cadeiras e realizar a contação; de fato o bibliotecário faz muita falta. No tempo que tínhamos os dinamizadores as atividades aconteciam com mais tranquilidade e qualidade, mas estamos aí, afinal, não podemos desistir. (Entrevista – 2022).

Outra atividade que presenciamos em uma biblioteca localizada na região central da cidade, foi com uma sala de 4º ano e o tempo de duração foi de aproximadamente 30 minutos. A professora também deslocou com a turma para o espaço da biblioteca, e após a organização da turma, ela leu um capítulo de “Os Miseráveis”, de Victor Hugo (Adaptação de Valcyr Carrasco), na semana em que estávamos presentes foi lido o 13º capítulo – Perseguição e Fuga. Após a leitura, houve um breve debate abordando os principais pontos do capítulo lido, e a professora levantou algumas questões que provocaram uma breve interação entre os alunos. Dessa forma, sentimos falta de compartilhar com mais intensidade, afinal, a oportunidade de compartilhar com os demais colegas a leitura realizada, amplia as ideias do leitor e oportuniza aos demais colegas escutarem uma nova história, levando-os ao interesse de realizar a leitura do livro. A esse respeito, Kuhlthau (2009, p. 113) afirma que: “As oportunidades de falar sobre o que leram ou assistiram na televisão ou no cinema vai ajudá-las a entender e interpretar significados”.

Na terceira escola visitada, localizada numa região próxima ao centro da cidade, notamos que a maioria das atividades de leitura estavam acontecendo fora do espaço da biblioteca escolar, segundo a professora, devido à falta de manutenção do espaço, ela se sentia desmotivada em levar as crianças para esse ambiente:



Acho melhor pegar os livros e trabalhar com as crianças no pátio da escola, quando tínhamos a professora dinamizadora, esse espaço era mais organizado, ela preparava a biblioteca para nos receber e as coisas fluíam mais. Agora o espaço da biblioteca está bem parado e estão colocando outros materiais lá dentro, o que complica frequentarmos esse ambiente. (Entrevista – 2022).

Na atividade desenvolvida por essa professora entrevistada, percebemos também uma centralidade nas ações desenvolvidas, ou seja, houve uma contação de história, porém, ela se desenvolveu em si mesma, sem a participação efetiva das crianças, sendo assim, não se consolidou na atividade o compartilhamento e nem a reflexão dos significados do texto, o que nos encaminha a Feba e Vinhal (2013 p. 183) quando afirmam:

Uma de tantas práticas de leitura que defendemos para a dinamização na biblioteca é a leitura compartilhada, aquela em que se realiza um debate após a leitura a partir de um roteiro previamente elaborado pelo mediador que aborde impressões subjetivas de leitura, aspectos da construção textual, temas e peculiaridades do projeto gráfico e dos paratextos. Por meio deste debate é possível: construir conjuntamente os significados para o texto; provocar uma interação entre o livro, o professor e o aluno; elaborar coletivamente as respostas pelo mediador; posicionar-se criticamente; refletir acerca das opiniões diversas ou complementares; aumentar a criatividade; trocar ideias.

Diante dessa importância do compartilhar, uma atividade desenvolvida nessa mesma escola (próxima ao centro da cidade), foi o Projeto “Sacola da Leitura”. Cada sala de aula possui uma sacola com aproximadamente cinco livros de gêneros variados, e por meio de sorteio cada dia uma criança leva a sacola para casa, e são instruídas a realizarem a leitura com a família. Há um caderno acompanhando a sacola, onde os pais descrevem como foram os momentos de leitura junto com o filho (a), ou seja, os pais relatam essa interessante e enriquecedora experiência de leitura em família. Em entrevista, a coordenadora pedagógica da escola nos disse:

Esse projeto existe há anos aqui na nossa escola, e temos todo o apoio da comunidade escolar para mantê-lo, as professoras se envolvem com o projeto e as crianças amam levar a sacola para casa. Diante da interrupção de alguns investimentos nas bibliotecas escolares, vemos no projeto Sacola da Leitura, um meio de fomentarmos a prática da leitura em nossa unidade escolar. (Entrevista – 2022).

A “Sacola da Leitura” é um projeto enriquecedor, porque além de incentivar a leitura dos alunos, também insere a família no processo de formação do leitor. Rigoletto e Di Giorgi (2009, p. 226-227) atestam:

Consideramos a família peça muito importante para o funcionamento da escola. Assim sendo, a família é chamada a participar da educação das crianças e dos jovens. No entanto, muitos pais não sabem como fazê-lo. Contudo, acreditamos que uma das maneiras viáveis de concretizar esta tarefa consiste na participação ativa da família na formação do aluno leitor. Para tanto, a escola deve formar famílias leitoras capazes de compartilhar a leitura com seus filhos. E esta missão pode ser realizada com a colaboração de professores, e principalmente, de bibliotecários.

Diante das observações realizadas em campo, podemos afirmar que mesmo diante das dificuldades e do possível enfraquecimento do projeto palavras andantes, os professores continuam tentando manter os espaços das bibliotecas vivos. Assim, é possível afirmarmos que mesmo com oscilações no desenvolvimento de certas atividades de leitura, as práticas de incentivo iguais as destacadas neste subitem, podem fazer diferença na vida dos alunos, daí a necessidade da biblioteca escolar, pois a mesma consolida-se como espaço de desenvolvimento cultural e acesso à leitura sem distinção, o que nos remete a Gomes (1983, p. 53), “A biblioteca tem o fim de desenvolver e propagar a instrução, estimulando o desenvolvimento intelectual de todos em geral, sem distinção de sexo e nacionalidade.”

Assim posto, é importante que os projetos e as práticas desenvolvidas pelas bibliotecas escolares de Londrina tenham uma concepção de linguagem dentro de um processo criativo, que se materialize pelas enunciações, uma concepção de linguagem em que seu caráter ideológico não possa ser compreendido separadamente do fluxo da comunicação verbal, o que confirma Bakhtin (1999, p. 123) ao explicitar que:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicológico de sua produção, mas pelo fenômeno da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações; a interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

Para Bakhtin (1999), qualquer enunciado - oral ou escrito – faz parte de um processo de comunicação ininterrupto, concebendo a linguagem um processo de interação. Assim sendo, o sentido é construído no discurso, e essa construção envolve os participantes, a situação imediata ou um contexto mais amplo. Diante disso, ao provocar uma reflexão sobre projetos e práticas de leitura nas bibliotecas de Londrina, não se pode partir do pressuposto de que existe uma língua pronta e acabada, um discurso imutável representado pelos cânones literários expostos nas estantes. Ler na ou a partir da biblioteca compele o sujeito a construir por meio do mundo que o cerca uma representação, oferecendo-a e contrapondo-a à representação de um “outro”.

Outro aspecto, que analisamos em campo, refere-se ao acervo das bibliotecas escolares em estudo, onde ficou evidenciado que a maioria dos livros existentes nas três bibliotecas pesquisadas são oriundos dos programas do governo federal (antigo PNBE e atual PNL D literário), ou seja, há um investimento retraído na compra e renovação de acervo por parte do município, assim, o que se percebe é que em muitas situações, atenção maior é dada aos outros departamentos da escola, e os investimentos no espaço da biblioteca não acompanham o mesmo ritmo de benfeitorias.

Em relação à qualidade dos livros, verificamos que existem obras excelentes nas bibliotecas escolares, tais como clássicos da literatura, livros de poesia e imagem, livro brinquedo, livros com temas da literatura regional, que podem levar o leitor à apropriação de discursos variados. No entanto, é importante destacar que há nas bibliotecas, uma quantidade significativa de livros cujo conteúdo se limita a inculcar valores moralizantes nas crianças, pois são livros excessivamente didáticos que impõem padrões. Tal observação nos remete a Perroti (1986, p. 117), quando assevera que:

O discurso utilitário procurou sempre oferecer a crianças e jovens atitudes morais e padrões de conduta a serem seguidos, ordenando os elementos narrativos em função de tal finalidade exterior. Tais atitudes e padrões, evidentemente, inseriram-se na ordem da sociedade que os promoveu, uma vez que tal discurso buscou não somente adaptar a criança e o jovem à vida social, mas adaptá-la a um determinado modelo social: o burguês.

Diante dessa realidade, evidencia-se o cuidado que se deve ter para compor o acervo de uma biblioteca escolar, afinal, é importante que ela atenda às necessidades culturais, informacionais, educativas e de lazer dos alunos. Assim, tendo em vista o perfil bastante heterogêneo do público da biblioteca, é interessante estabelecer critérios que possam servir de orientação na formação do acervo. Dessa forma, dotar o acervo das contribuições mais significativas das diversas áreas do conhecimento, bem como de autores representativos no campo das ideias e da literatura, corrobora para se ter um local com livros que ampliem os sentidos e subvertam a uma ordem conceitual. Assim, o desenvolvimento do acervo deve, também, adaptar-se às mudanças ocorridas no ambiente escolar, daí mais um motivo para se ter uma política cultural no sentido de se investir em livros para as bibliotecas escolares de Londrina.

## **6. As políticas públicas de leitura e as possíveis contribuições para o fomento das bibliotecas escolares de Londrina-PR**

As políticas públicas são entendidas como “um conjunto de diretrizes e orientações registradas em leis e outros instrumentos de governo, voltadas à coletividade” (RASCHE, 2009, p. 23). Diante disso, o presente subitem visa identificar as políticas públicas voltadas para as bibliotecas escolares em estudo, e, também, objetiva sugerir políticas de informação e educação para que essas bibliotecas melhorem sua atuação e cheguem próximo ao que se define como ideal de biblioteca escolar.

Ainda conceituando políticas públicas, Azevedo (2003, p. 38) afirma que: “política pública é tudo que um governo faz e deixa de fazer, com todos os impactos de suas ações e de suas omissões”. Diante disso, nota-se que as políticas voltadas para as bibliotecas escolares, na maioria das vezes, contemplam somente os recursos materiais. Diante dessa premissa, o presente artigo parte do pressuposto de que para a consolidação do espaço da biblioteca escolar e de suas práticas de mediação de leitura, são necessárias políticas públicas que reverberem muito além dos aspectos materiais, que envolvam a criticidade, a consciência da importância desse espaço e o envolvimento de todos, tais como: professores, alunos, comunidade escolar, poder público e conselhos escolares.

Assim, questionamos: o que as legislações abordam sobre a biblioteca escolar? De que forma as bibliotecas escolares de Londrina contribuem como espaço educativo e de promoção da leitura? As legislações vão ao encontro das necessidades reais de promoção da leitura? Em busca de respostas, assumimos uma investigação a partir da revisão de literatura dos documentos oficiais que tratam de políticas públicas, tais como: marco legal para as bibliotecas escolares, a partir de um olhar atento das políticas públicas, como Política Nacional do Livro (BRASIL, 2003) que através da Lei 10.753 apresenta a importância do acesso ao livro a todos os cidadãos; a Lei das Bibliotecas Escolares (BRASIL, 2010), que por meio da Lei 12.244/10 aprovou a obrigatoriedade de se ter biblioteca em todas as escolas do Brasil; a Política Nacional de Leitura e Escrita (BRASIL, 2018) através da Lei 13.696/18 Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) que prevê a promoção da leitura por meio dos livros didáticos e literários.

É possível afirmar que o fato de haver as leis acima citadas não garante o cumprimento e os benefícios das mesmas, uma vez que a maioria delas não cumprem na essência seu papel junto à comunidade escolar; assim, dialogando com autores que abordam a temática, iremos discutir de forma objetiva as legislações em vigência e as influências das mesmas nas bibliotecas em estudo.

## 7. As legislações e suas influências nas bibliotecas escolares

Legislação são leis que normatizam determinadas matérias, ou ainda, estabelecem a ordem jurídica em uma sociedade, e que regem posturas e ações aceitáveis ou não de um cidadão ou órgão. Assim, é fundamental que essa legislação volte para o ambiente da biblioteca escolar com o intuito de consolidar de forma genuína a promoção deste espaço, fazendo cumprir sua função educativa e cultural, tão debatida por Fragoso (2002), quando relata a importância do cumprimento das legislações para o bom desenvolvimento da biblioteca escolar como ambiente didático e cultural.

Assim, como espaço didático e pedagógico, é importante que a biblioteca desenvolva a autonomia das pessoas que a frequentam, com vistas à pesquisa e uso do acervo. Já na função cultural, é salutar que a biblioteca viabilize a leitura, auxiliando nos currículos ministrados em sala de aula, ofertando variedades de recursos para a consolidação da leitura e letramento.

Mas para que essas práticas educativas e culturais de fato se efetivem, é fundamental que as leis saiam da teoria e se consolidem, o que nos remete a Martins (2002, p. 25) quando afirma que: “A leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo. Todavia, os próprios educadores constataam sua impotência diante do que denominam a “crise da leitura”. A citação nos afirma, que o presente cenário evidencia várias leis que fazem alusão às bibliotecas escolares, leis essas que deveriam auxiliar as práticas de leitura e os aspectos culturais, mas a “crise da leitura” se faz presente, o que nos leva a uma reflexão e nos norteia para nosso objeto de estudo, nos levando a questionamentos: Se existem legislações direcionadas às bibliotecas escolares, por que os espaços das bibliotecas estão se definindo? Por que há o enfraquecimento dos ambientes de leitura?

Essa realidade, nos remete a Caldin e Fleck (2004) quando ressaltam sobre a missão da biblioteca escolar de desenvolver ações educativas, culturais e técnicas, com o objetivo de se tornar um centro de informação, auxiliando nas atividades curriculares da escola, sempre interligada às práticas dos professores. As autoras apontam essas funções como:

[...] funções educativas: o fomento da leitura; o fomento da pesquisa; o desenvolvimento da criatividade; a educação para o lazer; a informação e orientação para a vida. [...] funções culturais: promover, de forma interdisciplinar, diversas atividades culturais no espaço da biblioteca como exposições, concursos literários, saraus literários, feiras de ciências, entre outras; [...] funções técnicas: gerenciar e organizar os recursos informacionais; explorar esses recursos e difundi-los à comunidade escolar; facilitar o acesso a esses recursos. (CALDIN; FLECK, 2004, p. 156).

Para que se conquistem os pontos elencados, entre outros aspectos é essencial que as legislações estejam presentes nesse percurso, mas para isso, é importante o envolvimento de todos, não apenas como conhecedores das leis direcionadas para as bibliotecas, mas além disso, mobilizando para fazer cumprir as leis e os programas voltados para esses espaços de leitura; afinal, fazendo voz com Brito (2016), precisamos entender a biblioteca como ambiente de consolidação, de encontro das pessoas com a cultura, com o conhecimento científico, um espaço social e político, um local de reflexão e apropriação, enfim, um ambiente de leitura.

Desta forma, é possível afirmar que nas bibliotecas escolares em estudo, há certo distanciamento entre as políticas públicas e comunidade, assim, torna-se inviável a consolidação dessas bibliotecas, afinal, comunidade e legislação não estão em sintonia, o que têm enfraquecido os projetos executados nas bibliotecas, sendo assim, há o desinteresse dos estudantes quanto ao espaço da biblioteca, o que enfraquece as práticas de leitura, ou seja, não adianta termos políticas públicas apenas na teoria, é fundamental o envolvimento de todos nesse processo; não adianta apenas a teorização das legislações para as bibliotecas, é primordial que se consolide a coletividade, para que possamos ter uma biblioteca que tenha como premissa a constituição do leitor, por meio de um espaço ativo e acolhedor.

## **8. A biblioteca escolar além de modelos: a busca pela coletividade**

A biblioteca escolar pode ser o ambiente potencialmente ideal para a realização do trabalho de repensar o mundo, visto que oferece material suficiente para unir o conteúdo dado em sala de aula e a realidade dos fatos científicos e do cotidiano sob variados pontos de vista. Mas, além disso, a biblioteca pode se tornar o lugar onde, por meio da discussão aprofundada, os alunos sintam-se estimulados a uma postura crítica, analítica e interativa diante daquilo que lhes é dado a conhecer.

Para que a biblioteca escolar seja de fato esse ambiente de estímulo e apropriação, é importante que ela seja constituída de propostas que a transformem mediante a coletividade, ou seja, por meio da elaboração de um projeto político-pedagógico com vistas a um processo coletivo, envolvendo os diversos agentes que fazem parte da realidade escolar. Vasconcelos (2004, p. 169) afirma que um projeto político-pedagógico pode ser entendido como:

Um processo de planejamento participativo, que se aperfeiçoa e se concretiza na caminhada, que define claramente o tipo de ação educativa que se quer realizar. É um instrumento teórico-metodológico para a intervenção e mudança da realidade. É um elemento de organização e integração da atividade prática da instituição neste processo de transformação.

Assim, compreende-se que um projeto pode nortear os trabalhos para reabertura das bibliotecas escolares de Londrina, por encaminhar ações para o futuro com base na realidade atual e histórica, constituindo-se também um planejamento que prevê ações a curto, médio e longo prazo, intervindo diretamente nas atividades realizadas nas bibliotecas. Vale ressaltar, que as ações destacadas no projeto político-pedagógico devem incluir todos os aspectos que a comunidade escolar compreende que necessita de melhorias e ajustes.

Porém, essa busca pela reabertura de uma biblioteca dinâmica e atuante, precisa partir do princípio de que os projetos não podem ser impostos; mas, devem ser construídos coletivamente, com suporte técnico e teórico, pois as atividades desenvolvidas em cada biblioteca necessitam expressar a identidade de uma comunidade escolar, e não de um grupo ou equipe isoladamente, sendo uma necessidade de transformação e não uma obrigação.

Dessa maneira, uma nova biblioteca só será possível por meio de discussões e reuniões que envolvam toda a comunidade: professores, alunos, pais, direção e poder público. Todos focados na melhoria dos aspectos que constituem o espaço da biblioteca, transformando ideias e concepções em movimentos de ações importantes e fundamentais para constituição de bibliotecas dinâmicas e atuantes na comunidade escolar de Londrina. Não podendo deixar de dizer, que cada ator desse processo contribui até determinado ponto para que se construa o coletivo, por isso é preciso formação e conhecimento teórico.

É importante reafirmar que este artigo aponta para uma proposta coletiva e flexível, em que toda a comunidade escolar é ouvida e tem voz. Afinal, ninguém conhece mais as carências e a ausência de investimentos tanto no material quanto no pedagógico, do que a própria comunidade que vivencia essa realidade diariamente. Daí a proposta de reabertura das bibliotecas escolares por meio de um projeto participativo, que abarque aspectos pedagógicos e estruturais das bibliotecas escolares de Londrina e que se adeque à realidade de cada escola, onde as propostas levantadas e executadas serão definitivamente enraizadas nesses espaços, uma vez que foram elaboradas e implantadas pela própria comunidade escolar.

Diante disso, vale ressaltar que quando o poder público estipula modelos engessados para todas as bibliotecas, corre-se o risco desses projetos já nascerem fragilizados, pois, na maioria das vezes, quando se mudam as gestões municipais, conseqüentemente, altera-se o que

foi implantado pela gestão anterior. Por isso, a importância de não se fazer modelos, mas, sim, projetos e propostas de transformação coletiva, com a participação de toda comunidade; já que a escola e seus departamentos não são de propriedade dos dirigentes políticos e nem dos diretores e professores, o que nos reporta a Hernández (2003, p. 25), quando afirma: “A escola não pode ser propriedade dos professores, ela deve incluir toda comunidade no planejamento de suas metas e melhorias”.

Ainda alicerçado nas ideias de Hernández (2003), na elaboração de um projeto, é importante conhecer a realidade dos alunos da escola, sua história de vida e suas metas para o futuro. Nesse sentido, o processo de fortalecimento das bibliotecas escolares de Londrina precisa incluir toda comunidade escolar, com vistas a: observar, dialogar e compreender a importância da biblioteca para a vida dos alunos. Dessa forma, na elaboração de propostas que contemplem uma biblioteca escolar atuante, é fundamental ouvir os estudantes, para que se compreenda a visão que eles têm desse espaço; uma vez que promover a participação dos alunos nesse processo de mudança é atestar para eles sua importância, e evidenciar que uma nova biblioteca está sendo constituída, e que a comunidade escolar fará parte dessa transformação, bem como poderá usufruir dos benefícios de um espaço cultural, dinâmico e atuante. Mas, além disso, os alunos precisam sentir o pertencimento ao espaço, isso só amadurece no cotidiano, com uso pedagógico bem estruturado e com acesso livre à biblioteca escolar.

Assim, dentre as várias propostas levantadas objetivando contribuir com o fortalecimento das bibliotecas escolares em estudo, romper com o isolamento e a individualidade na execução dos projetos é uma delas. É importante primar pela participação de todos os envolvidos no processo de consolidação do espaço das bibliotecas escolares, e o primeiro passo é acabar com o isolamento nas decisões e nos projetos, e, a partir disso, resgatar a biblioteca como espaço democrático, comunitário e coletivo, que procure aproximar a família junto à escola. Esse contexto nos remete às ideias de Rigoletto e Di Giorgi (2009, p. 235), quando afirmam: “A escola pode promover eventos que agreguem a família e os alunos na biblioteca [...] o bibliotecário configura-se como o elo entre a família e a escola”.



## 9. Considerações finais

Diante de todo esse cenário apresentado referente às bibliotecas escolares de Londrina, é válido destacar que a construção de uma biblioteca escolar participativa e democrática não é tarefa fácil. Afinal, ela implica em diversos enfrentamentos pessoais e coletivos, sendo fundamental para o sucesso uma forte equipe articuladora e que não se considere detentora da situação.

Assim, com o intuito de contribuir com o fortalecimento das bibliotecas escolares em Londrina e torná-las cada vez mais atuantes, é importante que os paradigmas do isolamento e da centralidade das ações sejam quebrados e que se consolide uma reconstrução, sendo pautada em dois princípios: o da necessidade de se ter bibliotecas que contribuam com a formação de leitores; e o segundo, o de se ter a consciência de que isso é possível por meio do envolvimento e propostas que privilegiem a interação entre biblioteca escolar e comunidade. Esses aspectos são muito discutidos por Caldeira (2008, p. 48), para ele, “A biblioteca como espaço coletivo, onde os recursos serão compartilhados pela comunidade escolar, oferece excelentes oportunidades para o exercício da cidadania”. Isso reforça a importância da consolidação desses ambientes com vistas na promoção das práticas de leitura nas escolas municipais de Londrina, favorecendo assim a inclusão dos alunos e ampliando a cultura local.

Dessa forma, não se pode esquecer que nesse processo de fortalecimento e reestruturação, as discussões sobre a mediação de leitura não podem ser deixadas em segundo plano, é preciso que nesse caminho se tenha a consciência de que a leitura não se limita à superficialidade, muito menos à submissão ou recepção sem significados. Nesse sentido, Cavallo e Chartier (1998, p. 8) ressaltam que: “A leitura não é apenas uma operação intelectual abstrata: ela é uso do corpo, inscrição dentro de um espaço, relação consigo mesma e com os outros”. Essa afirmação reforça a necessidade de se ter no processo de reabertura das bibliotecas, estratégias que priorizem uma leitura aprofundada, questionadora e que procure integrar valores, resultando na apropriação dos mais variados discursos dentro de uma concepção coletiva e participativa.

Muitos são os desafios que se colocam pela busca da promoção das bibliotecas em Londrina, porém, acreditamos que o grande desafio se prenda ao entendimento e a compreensão que precisam partir do poder público e da comunidade escolar, no sentido de reconhecer o valor pedagógico que existe nas ações desenvolvidas nesses espaços, da importância de se investir

em bibliotecas na construção pedagógica da escola, e a consciência de que a biblioteca escolar é fundamental no desenvolvimento curricular, além, é claro, de reconhecer o valor de um trabalho colaborativo que vise aproximar cada vez mais a comunidade junto à biblioteca, isso por meio de uma articulação profunda entre biblioteca escolar, comunidade, estudantes e poder público, todos com o objetivo genuíno de fortalecer e construir em Londrina, bibliotecas com um ambiente cada vez mais acolhedor, primando pela apropriação, autonomia dos estudantes e o fortalecimento da cultura local.

## Referências

ANDRADE, Maria Eugênia Albino Andrade. A biblioteca faz a diferença. *In*: CAMPELLO, Bernadete Santos *et al.* **Biblioteca escolar**: temas para uma prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 13- 16.

AZEVEDO, Sérgio de. Políticas públicas: discutindo modelos e alguns problemas de implementação. *In*: SANTOS JÚNIOR, Orlando A. dos *et. al.* **Políticas públicas e gestão local**: programa interdisciplinar de capacitação de conselheiros municipais. Rio de Janeiro: FASE, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BRASIL. Lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003. **Institui a Política Nacional do Livro**. Brasília, DF, 2003. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10753-30-outubro-2003-497306-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 22 jun. 2022.

BRASIL. Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010. **Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país**. Brasília, DF, 2010. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm). Acesso em: 06 jun. 2022.

BRASIL. Lei nº 13.696, de 12 de julho de 2018. **Institui a Política Nacional de Leitura e Escrita**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2018/Lei/L13696.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/Lei/L13696.htm). Acesso em: 22 jun. 2019.

BRITTO, L. P. L. **No lugar da leitura: biblioteca e formação**. Rio de Janeiro: Edições Brasil Literário, 2016. 93 p.

CALDEIRA, Paulo da Terra. O espaço físico da biblioteca. *In*: CAMPELLO, Bernadete Santos *et al.* **Biblioteca escolar**: temas para uma prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 47–50.

CALDIN, C. F.; FLECK, F. O. Organização de biblioteca em escola pública: o caso da escola de educação básica Dom Jaime de Barros Câmara. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 155-165, 2003/2004.

- CAMACHO, R.; ECARD, T. M.; JESUS, T. M. de. Leitura discutida e leitura praticada: um estudo sobre as representações e práticas de leitura na escola básica. *In*: VIANNA, M. M.; CAMPELLO, B.; MOURA, V. H. V. **Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica**. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 46-48.
- CAMPELLO, Bernadete Santos. **Biblioteca escolar: conhecimentos que sustentam a prática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998. v. 1.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1998.
- FARACO, Carlos Alberto. **Falante: que bicho é esse, afinal?** Curitiba: Mimeo, 1997.
- FEBA. B. L. T.; VINHAL, T. P. Biblioteca escolar e mediação de leitura para a formação do leitor literário. *In*: SOUZA, R. J.; FEBA. B. L. T. (Org.) **Ações para a formação do leitor literário: da teoria à prática**. Assis: Storbem, 2013. p. 169 - 186.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 14. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- FRAGOSO, G. M. Biblioteca na escola. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 124-131, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- GOMES, Sônia de Conti. **Bibliotecas e sociedade na primeira república**. São Paulo, Pioneira, 1983.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **O projeto político pedagógico vinculado à melhoria das escolas**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades**. c2023. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/SINTESE.php>? Acesso em: 02 abr. 2017 e 24 ago. 2020.
- KUHLTHAU, Carol. **Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para o ensino fundamental**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2009.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro da imprensa e da biblioteca**. São Paulo: Ática. 2002.
- MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento. *In*: MINAYO, M. C. S. (org.) **Pesquisa social: teoria e criatividade**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- OBATA, R. K. Biblioteca interativa: construções de novas relações entre biblioteca e educação. **Nova Série**, São Paulo, v.1, 1999.

PERROTI, Edmir. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: Ícone, 1986.

RASCHE, Francisca. **Políticas públicas para bibliotecas escolares**. Florianópolis: CIN/CED/UFSC, 2009.

RIGOLETO, A. P. C.; DI GIORGI, C. A. G. Outros parceiros da biblioteca escolar: democratização e incentivo à leitura. *In*: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.) **Biblioteca escolar e práticas educativas**. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 219-238.

SILVA, Ezequiel da. Biblioteca escolar: quem cuida? *In*: GARCIA Edson Gabriel (Org.). **Biblioteca escolar: estrutura e funcionamento**. São Paulo: Edições Loyola, 1998. p. 25–34.

SILVA, Ezequiel da. **Leitura e realidade brasileira**. 5. ed. Porto Alegre: Mercado aberto, 1997.

SILVA, Ezequiel da. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas: Papirus. 1995.

SILVA, Rovilson José. **O professor mediador de leitura na biblioteca escolar da rede municipal de Londrina: formação e atuação**. Marília, 2006. 231 f. Tese (doutorado em educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista, 2006.

SILVA, J. R. M.; BALSAN, S. F. S. Estratégias de leitura, de Isabel Solé: um caminho para a formação de leitores. *In*: SOUZA, R. J.; FEBA, B. L. T. (Org). **Ações para a formação do leitor literário: da teoria à prática**. Assis: Storbem, 2013. p. 81-100.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula**. São Paulo: Libertad, 2004.

Artigo submetido em: 25 out. 2022

Artigo aceito em: 15 mar. 2023